

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA**

MARIA ANTÔNIA SOARES ROBERTO

**SALAS DE AULA E WEBCAMS VAZIAS:
MEMÓRIAS DE PROFESSORES/AS DA EDUCAÇÃO BÁSICA SOBRE A
PANDEMIA DE COVID-19 A PARTIR DA PRODUÇÃO DE UM DOCUMENTÁRIO.**



**Uberlândia
2023**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA**

MARIA ANTÔNIA SOARES ROBERTO

**SALAS DE AULA E WEBCAMS VAZIAS:
MEMÓRIAS DE PROFESSORES/AS DA EDUCAÇÃO BÁSICA SOBRE A PANDEMIA
DE COVID-19 A PARTIR DA PRODUÇÃO DE UM DOCUMENTÁRIO.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de História (INHIS) da Universidade Federal de Uberlândia como requisito para a obtenção do título de licenciatura em História.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Maria Andréa Angelotti Carmo

**Uberlândia
2023**

MARIA ANTÔNIA SOARES ROBERTO

SALAS DE AULA E WEBCAMS VAZIAS:
MEMÓRIAS DE PROFESSORES/AS DA EDUCAÇÃO BÁSICA SOBRE A PANDEMIA
DE COVID-19 A PARTIR DA PRODUÇÃO DE UM DOCUMENTÁRIO.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de História (INHIS) da Universidade Federal de Uberlândia como requisito para a obtenção do título de licenciatura em História.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Maria Andréa Angelotti Carmo

Uberlândia, 29 de junho de 2023

Banca Examinadora:

Prof^ª. Dr^ª. Maria Andréa Angelotti Carmo (Orientadora)

Prof. Dr. Roberto Camargos

Prof. Dr. Gustavo de Souza Oliveira

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço aos meus pais, Sirlene Soares Roberto e Francisco Roberto, que sempre estiveram ao meu lado me apoiando ao longo de toda a minha trajetória. Não tenho palavras para expressar o quanto sou grata por tudo que eles fizeram para garantir a minha permanência na cidade de Uberlândia, e espero continuar trazendo orgulho para vocês.

Durante alguns momentos no curso de História me senti deslocada em relação aos trabalhos, atividades e leitura, pois tudo aquilo era novo e complexo para mim, e isso me levou a pensar várias vezes em desistir do curso e voltar para a minha cidade natal. No entanto, graças as conversas, risadas, cafés na lanchonete do bloco 5O, rosquinhas da Vó Joana e incentivos que dividi com amigos que eu fiz ao longo dessa caminhada consegui deixar os medos, incertezas e saudades um pouco de lado. Obrigada por tudo, pessoal. A amizade de vocês é muito importante para mim.

Agradeço a professora Maria Andréa Angelotti Carmo por ter aceitado ser minha orientadora e por todo suporte me dado durante o processo de construção do presente trabalho. Por meio dela conheci um laboratório que me ajudou a me encontrar dentro do curso de História e que tem um enorme espaço dentro do meu coração. Maria Andréa, que nossa parceria no Laboratório de Pesquisa em Ensino Cultura Popular e Vídeo Documentário (DOCPOP) seja sempre um sucesso.

RESUMO

Com a chegada do Covid-19 no Brasil, o Ministério da Saúde anunciou uma série de medidas sanitárias para impedir a circulação do vírus no país. Uma dessas medidas adotadas foi o isolamento social. Logo, escolas públicas e particulares tiveram que fechar seus portões sem uma data definida para reabrir. No entanto, instituições de ensino privado e secretarias de educação dos estados brasileiros passaram a elaborar políticas educacionais para que a educação continuasse funcionando em plena pandemia. Com a implementação dessas políticas, os professores e estudantes do ensino básico foram inseridos na educação remota, porém, o que nos chama atenção nesse período apocalíptico em que presenciamos foram as dificuldades que os professores tiveram em se adaptar a essa modalidade imposta. No entanto, além da presença de dificuldades que atrapalham a realização do trabalho docente, os professores tiveram que conviver com ataques de autoridades e uma parte da sociedade civil que viam o coronavírus como uma “gripezinha” que estava atrapalhando o desenvolvimento econômico do Brasil. É nesse cenário de incertezas e ataques da categoria dos docentes da educação básica que a equipe do subprojeto Geografia/História do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) da Universidade Federal de Uberlândia, campus Santa Mônica, teve a ideia de produzir um documentário. Desenvolvido a partir das memórias de professores/as das escolas do município de Uberlândia, Minas Gerais, o documentário *Solidão, pandemia e educação: A experiência educacional na pandemia* busca apresentar como os docentes lidaram com as dificuldades impostas durante a pandemia do Covid-19 em 2020 e 2021. Logo, o presente trabalho busca relatar o processo de produção de um documentário pensado e criado em meio a uma pandemia.

Palavras-chave: Educação; Covid-19; Docentes; Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência; Documentário;

SUMÁRIO

Introdução	7
As experiências dos pibidianos durante a pandemia do COVID-19	10
O processo de produção do documentário <i>Solidão, Pandemia, Educação: a experiência educacional na pandemia</i>	15
Feedback da primeira exibição do documentário	26
Considerações finais	28
Fonte digitais	29
Referências Bibliográficas	29

Introdução

Em dezembro de 2019, as autoridades da República Popular da China alertaram a Organização Mundial da Saúde (OMS) sobre vários casos de pneumonia que estavam ocorrendo na cidade de Wuhan. Após alguns estudos em um curto período, cientistas e autoridades chinesas concluíram que o surto de pneumonia na cidade de Wuhan tinha como a principal causadora uma nova cepa de coronavírus que não nunca havia sido identificada antes em nenhum ser humano. Quando uma pessoa é infectada pelo vírus da SARS-CoV-2, os principais sintomas são febre, calafrios, dor de garganta, dor de cabeça, tosse, coriza, falta de ar, distúrbios olfativos ou gustativos. Logo, o infectado passa a ter são sintomas que se assemelha a uma gripe, porém, em alguns casos, a doença pode ser grave e levar até a morte do indivíduo, principalmente quando se trata de uma pessoa idosa ou portadora de outras doenças. Apesar dos esforços globais de governantes e cientistas para interromper a propagação do novo vírus, em março de 2020, a doença já estava presente em dezenas de países, e, assim, a OMS classificou a Covid-19 como uma pandemia.

O Covid-19 chegou a terras brasileiras, em 26 de fevereiro de 2020, quando o primeiro caso foi confirmado pelo Ministério da Saúde¹. O primeiro registro de contaminação da doença tratava-se de um homem de 61 anos, morador da cidade de São Paulo, e que tinha chegado recentemente de uma viagem da região da Lombardia na Itália. Para evitar o aumento de casos da doença, o Ministério da Saúde, que na época era chefiado pelo Luiz Henrique Mandetta, anunciou uma série de medidas para impedir a circulação do vírus, e uma dessas medidas era o isolamento social. Durante esse cenário de filme apocalíptico apenas os serviços essenciais como hospitais e supermercados continuaram funcionando normalmente, e, assim, as escolas e universidades tiveram que suspender suas aulas até que ela conseguisse se reinventar diante desse contexto pandêmico.

Enquanto cientistas do mundo todo lutavam contra o tempo para criarem uma vacina que protegesse o mundo do Covid-19, no Brasil, o Ministério da Saúde virou um espaço de disputas entre pessoas que negavam que o vírus era letal e pessoas que defendiam a ciência. Um desses negacionistas era o então Presidente Jair Messias Bolsonaro. Durante o ano de 2020, primeiro ano da pandemia da covid-19 no Brasil, enquanto pessoas morriam por falta de

¹ PRIMEIRO caso confirmado de Covid-19 no Brasil ocorreu em SP e completa seis meses nesta quarta. [S.I.], 2020. Portal: G1. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/08/26/primeiro-caso-confirmado-de-covid-19-no-brasil-ocorreu-em-sp-e-completa-seis-meses-nesta-quarta.ghtml>. Acesso em: 26 mai. 2023.

cilindros de oxigênio e de leitos nos hospitais em todo o país, o presidente Bolsonaro concedeu várias entrevistas à imprensa onde minimizava o poder letal do coronavírus com intuito de afirmar que a economia brasileira não podia parar diante de uma epidemia em seu território. Uma dessas falas ocorreu no dia 10 de novembro de 2020, quando o Brasil chegou a 162,6 mil mortes provocadas pela Covid-19, logo, Jair Bolsonaro afirmou durante uma cerimônia no Palácio do Planalto que o Brasil tem que “deixar de ser um país de maricas” e enfrentar a pandemia de “peito aberto”.² A propagação desses discursos negacionistas de Bolsonaro gerou conflitos com Ministério da Saúde, já ao aderirem o posicionamento da OMS para lidar com a pandemia, Luiz Henrique Mandetta e Nelson Teich, antecessor de Mandetta, iam na contramão das atitudes e falas do presidente, e consequentemente levou à exoneração rápida dos dois ministros. Diante disso, em maio de 2020, Eduardo Pazuello, general da ativa do Exército, foi nomeado por Bolsonaro como ministro interino da saúde, e em

apenas quatro dias depois, o ministério emitiu a nota (Brasil, 2020d) que recomendava o uso da hidroxiquina para casos leves, conferindo ao médico a atribuição de prescrevê-la mediante assinatura de um Termo de Consentimento (Brasil, 2020i)³.

Além de produzir falas negacionistas e controlar o Ministério da Saúde, Bolsonaro defendeu a adoção do tratamento precoce contra Covid-19 por meio do uso de medicamentos como cloroquina e ivermectina. Todos os medicamentos citados acima não tinham comprovação científica sobre o uso para prevenção ou tratamento da Covid-19, e, segundo médicos do Hospital das Clínicas da Universidade de São Paulo e do Hospital da Universidade de Campinas, o consumo exagerado e com a finalidade diferente prescrita na bula dessas substâncias podem causar sérios danos ao organismo, com a destruição do fígado. O ex-presidente também encorajou a população a violar as medidas preventivas contra o coronavírus, pois, ele acreditava que se todos os brasileiros fossem infectados pelo vírus SARS-CoV-2, a população criaria uma imunidade de rebanho naturalmente, e, assim, a pandemia acabaria. Deste modo, podemos refletir que nos piores momentos que a população brasileira viveu durante a pandemia, “a política de enfrentamento do vírus por Bolsonaro foi negar sua existência, sua gravidade, e em última instância, quando não era mais possível negar nenhuma

² GOMES, Pedro Henrique. **Brasil tem de deixar de ser “país de maricas” e enfrentar pandemia “de peito aberto”, diz Bolsonaro.** [S.L.], 2020. Portal: G1. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/11/10/bolsonaro-diz-que-brasil-tem-de-deixar-de-ser-pais-de-maricas-e-enfrentar-pandemia-de-peito-aberto.ghtml>. Acesso em: 26 mai. 2023.

³ BUENO, Flávia Thedim Costa; MATTA, Gustavo Corrêa; SOUTO, Ester Paiva. Notas sobre a Trajetória da Covid-19 no Brasil. In: MATTA, Gustavo Corrêa (org.). **Os impactos sociais da Covid-19 no Brasil: populações vulnerabilizadas e respostas à pandemia.** Rio de Janeiro: editora Fiocruz. 2021. p.29. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/r3hc2/pdf/matta-9786557080320-03.pdf>. Acesso em: 26 mai. 2023.

das hipóteses anteriores, restou culpar os outros por tudo que dava errado no governo, inclusive o vírus”⁴.

Em dezembro de 2020, o mundo recebeu uma grande notícia: a vacina contra COVID-19 estava pronta. Porém o Brasil teve um certo atraso em comparação a Inglaterra, essa que iniciou seu cronograma de vacinação no dia 08 de dezembro de 2020. Esse atraso no início da vacinação e na oferta de vacinas no Brasil, segundo o diretor do Instituto Butantan da época, Dimas Covas, estava ligado ao fato do governo federal não conseguir fechar o contrato com as farmacêuticas para o fornecimento de vacinas, no entanto, o que impediu o fechamento do contrato era a desconfiança do presidente Bolsonaro nos imunizantes. Em um evento em Porto Seguro, na Bahia, Jair Bolsonaro afirmou que não iria tomar vacina por já possuir anticorpos para combater a doença caso fosse infectado novamente, e disse que achava absurdo obrigar uma pessoa tomar uma vacina que na época não tinha completado a terceira fase de teste, e caso a vacina provocasse efeitos colaterais a pessoa poderia “virar jacaré”⁵.

Apesar dos obstáculos colocados pelo governo federal, a campanha de vacinação no Brasil se iniciou no dia 19 de janeiro de 2021, e, logo, até o dia 14 de julho de 2021 cerca de 15,17% dos brasileiros tinham completado a vacinação completa contra o Covid-19. Com o andamento da imunização da população as prefeituras em conjunto com as secretarias de educação começaram a se mobilizar para a retomada das aulas presencialmente, assim, a secretária de educação da cidade de Uberlândia decretou o retorno das aulas por meio do sistema híbrido, no qual houve o revezamento de aulas remotas e presenciais. Porém, no momento que foi decretado ensino híbrido na cidade, Uberlândia se encontrava com os leitos de Unidade de Terapia Intensiva (UTI) ocupados em 80% e com altos registros de casos confirmados da doença, e para piorar a situação não havia perspectivas para o início de uma campanha de vacinação contra o Covid-19 direcionadas aos jovens de 12 a 17 anos de idade e crianças de 5 a 11 anos de idade.

É nesse cenário de incertezas que a equipe do subprojeto Geografia/História do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) da Universidade Federal de

⁴ TEIXEIRA, Antonio Edicarlo Mota. **Políticas da morte. O governo federal e o poder municipal de Uberlândia-MG diante da Covid-19 (2020-2021)**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2022. p.24. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/35692/1/Pol%c3%adticasMorteGoverno.pdf>. Acesso em: 26 mai. 2023.

⁵ BOLSONARO: “Se tomar vacina e virar jacaré não tenho nada a ver com isso”. [S. l. : s. n.], 2020. 1 vídeo (2 min). Publicado pelo canal Uol. Disponível em: <https://youtu.be/IBCXkVOEH-8>. Acesso em: 26 mai. 2023.

Uberlândia, campus Santa Mônica, teve a ideia de produzir videodocumentário que abordasse sobre a educação durante a pandemia na cidade de Uberlândia, e que fosse capaz de expor os obstáculos que os professores de Uberlândia enfrentaram durante o tempo de reclusão que a pandemia nos impôs. Assim surgiu o nosso documentário *Solidão, Pandemia, Educação: a experiência educacional na pandemia*⁶. Nosso principal objetivo no desenvolver deste artigo é compartilhar a experiência de criar um documentário do zero durante um momento tão delicado e difícil em nossa sociedade, e, além disso, impulsionar debates a respeito do aumento da precarização do trabalho docente durante a pandemia por meio de análise de trechos do material produzido.

Para alcançar nossos objetivos, o presente trabalho está dividido em três tópicos. No primeiro tópico iremos abordar sobre as políticas educacionais adotadas pelo governo de Minas Gerais durante a pandemia, e em seguida falaremos de que forma as vivências obtidas através da participação do PIBID em meio a uma pandemia levaram a criação do documentário. Posteriormente, apresentaremos o processo de produção e os desafios enfrentados durante a montagem do documentário, e, por fim, iremos detalhar sobre os apontamentos que foram impulsionados através da exibição do filme documental aos professores da Escola Estadual Ângela Teixeira da Silva, da cidade de Uberlândia.

As experiências dos pibidianos durante a pandemia do Covid-19

Com a suspensão das aulas em todas as escolas da rede estadual de Minas Gerais por tempo indeterminado, o governo Romeu Zema teve que repensar estratégias para dar continuidade ao atendimento dos estudantes da educação básica durante a pandemia, assim, no dia 12 de maio de 2020 a *Secretaria Estadual de Educação* (SEE-MG) anunciou implementação do programa *Regime Especial de Atividade Não Presenciais* (REANP). Com o objetivo de diminuir as desigualdades educacionais e o distanciamento com o saber escolar durante esse período de isolamento, o REANP foi construído por meio do diálogo entre SEE-MG, a União dos Dirigentes Municipais de Educação de Minas Gerais e professores da rede pública, e o programa contava com três ferramentas para interação e disponibilização de conteúdo. Eram eles: *Planos de Ensino Tutorados* (PET's), aplicativo *Conexão Escola* e o programa *Se Liga na Educação*.

⁶ O documentário pode ser assistido através do canal do *Youtube* do Laboratório de Pesquisa em Ensino Cultura Popular e Vídeo Documentário (DOCPPOP): <https://www.youtube.com/channel/UCSbYFp6EP-Iz6aDTqXHGzyA/featured>

Os *Planos de Ensino Tutorados (PET's)* são apostilas mensais que agregam um conjunto de conteúdos e atividades referentes a cada ano/série escolar, e que foram organizadas de acordo com o *Currículo Referência de Minas Gerais*, a *Base Nacional Comum Curricular (BNCC)* e a carga horária prevista nas matrizes curriculares de ensino. Vale destacar que os PET's são muito mais que atividades de reforço de escolar, eles foram um “meio encontrado pela SEE para computar a carga horária semanal de atividade escolar dos estudantes”⁷. Logo, os PET's foram disponibilizados para os estudantes em uma plataforma criada pela SEE-MG, *Estude em Casa*, e no aplicativo digital *Conexão Escola*, no entanto, os alunos que não tinham acesso à Internet deveriam receber a versão impressa por meio das escolas. Já o aplicativo *Conexão Escola* é uma plataforma digital para dispositivos móveis que buscava facilitar o acesso dos alunos e dos professores às vídeo aulas do *Se Liga na Educação* e as apostilas do PET. Além disso, o aplicativo proporcionou a interação entre professor-aluno, através do das salas de *chat*. Por fim, o *Se Liga na Educação*, era responsável por organizar tele aulas ministradas por professores contratados pelo governo estadual. Essas aulas gravadas eram planejadas através dos conteúdos presentes nos *Planos de Estudos Tutorados (PET's)*, além disso, elas eram transmitidas pela manhã nos canais televisivos *Rede Minas* e *TV Assembleia*, e, após o encerramento da transmissão na televisão, as aulas eram postadas em um canal do *Youtube* que leva o mesmo nome do programa.

Dentro do programa implementado pelo governo de Minas, os docentes da educação básica eram responsáveis por estabelecerem contato direto com os discentes e responsáveis, seja através aplicativo de mensagens, telefone ou via e-mail, porém, essas atribuições deveriam ser realizadas durante o horário regular de trabalho dos professores. Assim, com o *Regime Especial de Atividade Não Presenciais* “a escola torna-se, portanto, um território virtual, liquidamente diluído nos espaços, nas dinâmicas dos domicílios e das pessoas que neles habitam”⁸.

⁷ COELHO, Jianne Ines Fialho; OLIVEIRA, Ana Cristina Prado de; OLIVEIRA, Breyner Ricardo de. Avaliação da Implementação do Programa de Educação Remota em Minas Gerais em tempos de Pandemia: O que dizem os Usuários?. **Arquivos Analíticos de Políticas Educativas**, v.30, n.86. 2022, p.10. Disponível em: <https://epaa.asu.edu/index.php/epaa/article/view/7112>. Acesso em: 11 jun. 2023.

⁸ COELHO, Jianne Ines Fialho; JORGE, Gláucia Maria dos Santos; OLIVEIRA, Ana Cristina Prado de; OLIVEIRA, Breyner Ricardo de. Implementação da educação remota em tempos de pandemia: análise da experiência do estado de Minas Gerais. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 16, n. 1, 2021, p.94. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/13928>. Acesso em: 11 jun. 2023.

Com as escolas estaduais de Uberlândia funcionando através do *Regime Especial de Atividade Não Presenciais*, as atividades do subprojeto Geografia/História do *Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID)*⁹ foram realizadas remotamente, e uma dessas atividades eram as reuniões quinzenais. Durante as reuniões debatíamos os textos de teóricos indicados pelas coordenadoras do subprojeto, conversávamos com os professores supervisores sobre como estavam sendo o dia a dia da escola durante o período remoto e definíamos quais seriam as tarefas¹⁰ que seriam feitas ao longo das semanas. Deste modo, entre outubro de 2020 a junho de 2021 realizamos nosso trabalho na Escola Estadual Messias Pedreiro em conjunto com o professor supervisor Anderson Aparecido Gonçalves de Oliveira. Para conhecer melhor a comunidade escolar e compreender a realidade dos indivíduos durante o ensino remoto, realizamos entrevistas com a comunidade escolar do Messias Pedreiro por meio de um questionário criado no *software Google Forms*.

O questionário produzido pelos pibidianos continha ao todo 52 perguntas, que foram divididas em tópicos, assim, após responderem algumas perguntas gerais, os entrevistados foram direcionados a uma página que continham perguntas exclusivas a professores, por exemplo. Devemos destacar que os entrevistados consentiram na utilização de seus relatos para produção de pesquisas com a condição de que seus nomes fossem substituídos por pseudônimos. Assim, ao analisarmos as respostas, os relatos que nos chamaram mais atenção foram dos professores. Ao todo recebemos respostas de seis professores, cinco mulheres que se autodeclararam brancas, e uma professora que se autodeclara mulher negra. As seis mulheres residem na cidade de Uberlândia e possuem acesso à Internet. Ao questionarmos as professoras se elas se sentiam ansiosas e sobrecarregadas com as aulas remotas, todas responderam que sentiam muito e destacaram que a quantidade de carga horária trabalhadas dobrou em

⁹ É uma ação da Política Nacional de Formação de Professores do Ministério da Educação (MEC) que visa a inserção de graduandos em licenciatura nas escolas de ensino básico, contribuindo para o aperfeiçoamento da formação dos futuros docentes. O subprojeto Geografia/História da Universidade Federal de Uberlândia, campus Santa Mônica, foi coordenado pelas professoras Maria Andréa Angelotti Carmo e Nara Rúbia de Carvalho Cunha, do Instituto de História, e era composta por oito estudantes bolsistas e dois discentes voluntários, todos do curso de licenciatura em História.

¹⁰ Como as atividades nas escolas estavam desenvolvidas através do *Regime Especial de Atividade Não Presenciais*, o subprojeto Geografia/História não conseguiu ter contato presencial com a comunidade escolar das escolas onde trabalhamos ao longo dos 18 meses. Assim, no início do programa decidimos criar um perfil na rede social Instagram para divulgar algumas atividades que seriam realizadas nos sábados letivos e compartilhar *posts* ligados à área da História Pública. Para conhecer melhor o trabalho que desenvolvemos no *Instagram* recomendamos a leitura do artigo “Luca e a expansão marítima”: uma abertura às novas possibilidades para o ensino de História disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/sipisidrp2022/470638-luca-e-a-expansao-maritima--uma-abertura-as-novas-possibilidades-para-o-ensino-de-historia/>.

decorrência das atividades remotas, e mesmo que os salários tivessem sofrido um pequeno aumento, do salário continuam inferiores à quantidade de horas trabalhadas durante a pandemia. Além de falarem sobre os impactos da pandemia no trabalho dos docentes, as professoras também falaram sobre os *Planos de Ensino Tutorados (PET's)* implementados pelo governo Zema e, em seus depoimentos, elas enfatizaram que o material disponibilizado pelo governo mineiro era muito superficial em relação a quantidade de conteúdos ensinados em sala de aula, logo, o aluno não conseguiria aprender apenas fazendo as atividades dos PET's. Analisando esses depoimentos percebemos que “não foge daquilo que, há tempos, é denunciado veementemente por profissionais da educação que conhecem minimamente (e se importam com) a complexa rede do ensino público brasileiro”¹¹.

Durante a nossa presença remota na Escola Estadual Messias Pedreiro, além da realização das entrevistas com a comunidade escolar, desenvolvemos uma atividade prática sobre o tema *Mulheres: espaços de lutas e conquistas* com os estudantes no sábado letivo da escola. No entanto, por motivos pessoais, o professor Anderson Aparecido Gonçalves de Oliveira teve que sair do subprojeto. Assim, em junho de 2021 a professora Mislele Souza da Silva assumiu a função de professora supervisora e a equipe Geografia/História passou a desenvolver as atividades previstas no plano na Escola Estadual Ângela Teixeira da Silva.

Em nosso primeiro mês trabalhando no Ângela Teixeira, nos chegou a notícia de que por determinação do Governo de Minas Gerais todas as escolas estaduais deveriam retomar as aulas presenciais. Devemos salientar que nesse período que iniciamos os trabalhos na escola o município de Uberlândia registrou durante dias seguidos vários casos confirmados de COVID-19 e os leitos de UTI da cidade de encontravam ocupados em quase 90%, logo, em nossas reuniões quinzenais do PIBID, além de relatar sua experiência no ensino remoto, a professora supervisora Mislele passou a compartilhar sua preocupação em se contaminar com o vírus da COVID-19 durante a volta das aulas presenciais. No entanto, esse medo não era só dela, mas também de vários de seus colegas de trabalho.

No decorrer do desenvolvimento das atividades do PIBID, a reabertura das escolas era tema de diversos debates promovidos nos encontros do grupo pois, em vários momentos no

¹¹ FRÊDO, Arthur Camargo. “Nós professores também temos muitas dificuldades no ensino remoto” – relatos de experiências de professores da cidade de Uberlândia (MG) com o ensino remoto. In: **XII ENCONTRO MINEIRO SOBRE INVESTIGAÇÃO NA ESCOLA**, Uberlândia: Anais do XII Encontro Mineiro Sobre Investigação na Escola, 2021, v. III, p. 160. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/32917/3/AnaisXIIEMIEVol3.pdf>. Acesso em: 11 jun. 2023.

decorrer da pandemia pessoas da sociedade, como negacionistas, apoiadores do presidente Jair Messias Bolsonaro, empresários e organizações não governamentais utilizavam os espaços nas mídias tradicionais e digitais para reivindicar que as aulas voltassem a acontecer presencialmente, pois, como enxergavam a pandemia como uma “gripezinha” que estavam atrapalhando o desenvolvimento econômico dos municípios brasileiros, e que era necessário que a vida normal que tínhamos antes dos lockdowns voltasse com urgência e a todo vapor. Logo, para esse grupo, os professores que se negavam a voltar a trabalhar presencialmente eram vistos como “pessoas preguiçosas que não querem trabalhar”.

Outro ponto que nos deixava inquietos perante a situação que estávamos vivenciando, e ganhou espaço nas reuniões do subprojeto Geografia/História, eram as reportagens feitas pelos telejornais e sites de notícias durante momentos críticos da pandemia em que mostravam professores enfrentando vários obstáculos para realizar seu trabalho. Uma dessas reportagens que viralizou nas redes sociais foi sobre uma professora de matemática da cidade de São Francisco de Itabapoana, no Norte Fluminense. Com as escolas fechadas e sem perspectivas da volta às aulas, a professora de matemática teve que reinventar o seu modo de ensinar matemática. Logo, sem a disposição de uma lousa em sua casa, a docente passou a utilizar os azulejos da sua cozinha para explicar os cálculos matemáticos para seus alunos nas aulas¹². Além de contar o simples ato que levou a professora ficar famosa na internet, a reportagem destaca que o esforço de encontrar outra ferramenta para ensinar os seus discentes é uma inspiração para futuros professores. Ao produzir reportagens com esse tipo de conteúdo, a imprensa brasileira tentou romantizar os problemas que já existiam na educação, mas que se intensificaram na quarenta, como a falta de investimentos em ferramentas de trabalho para os professores. Logo, em seu artigo *Memória, História e Manipulação Midiática*, Cicero Anderson de Almeida Bezerra (2022, p.6) nos ajuda a entender que

A mídia tem se utilizado de vários mecanismos de manipulação da memória com o objetivo de criar um senso comum e acrítico em relação às origens dos problemas sociais e fazer a população agir conforme os interesses de uma ideologia dominante. Utiliza-se de recursos como a distração para desviar a atenção dos problemas e mudanças importantes, explora aspectos psicológicos das pessoas e joga com seus sentimentos no intuito de vender seus produtos e idéias¹³.

¹² MOTA, Ana Carolini. **Professora ensina matemática nos azulejos da cozinha e mostra que a Educação é sempre possível.** [S.I.]. 2020. Portal: G1 Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/norte-fluminense/noticia/2020/09/14/professora-do-rj-inova-ao-usar-azulejos-da-cozinha-como-quadro-para-ensinar-matematica.ghtml>. Acesso em: 26 mai. 2023.

¹³ BEZERRA, Cicero Anderson de Almeida. *Memória, História e Manipulação midiática*. **Entropia**, v.4, n.8, 2022, p.6. Disponível em: <https://entropia.slg.br/index.php/entropia/article/view/276> . Acesso em: 11 jun. 2023

Em suma, observa-se que ao longo da pandemia do COVID-19 houve diversas interferências por parte de determinados grupos na construção de memórias relativas a pandemia e o trabalho dos professores, e que foram capazes de transformar os docentes em heróis e em vilões. A partir disso, em um dos nossos encontros surgiu a ideia de que era necessário registrar sobre as experiências dos professores com o intuito de combater as mentiras criadas para romantizar o trabalho dos docentes ou para perseguir essa categoria. No entanto, a principal pergunta que pairou sobre as nossas mentes foi: De que maneira poderíamos registrar as memórias dos docentes referentes a pandemia?

O processo de produção do documentário *Solidão, Pandemia, Educação: a experiência educacional na pandemia*.

A memória pode ser definida como as funções psíquicas que dão ao ser humano a habilidade em preservar informações e dados, porém, além de ser responsável pelo armazenamento de lembranças, a memória assume um papel importante em nossa sociedade, pois, por meio da conservação de ideias, valores, símbolos e interesses em comum, a memória consegue construir e reforçar sentimento de pertencimento de identidades individuais e coletivas. Deste modo, a memória é “crucial para a coesão social e cultural da sociedade. Todos os tipos de identidade dependem dela”¹⁴.

Todavia, a partir da década de 1980, o campo historiográfico presenciou um fenômeno conhecido como “*boom da memória*”. Esse fenômeno ocorreu nos Estados Unidos da América e na Europa, que foi impulsionado pelo discurso sobre memórias referentes a eventos que ocorreram durante o século XX, como o Holocausto.¹⁵ A sociedade contemporânea passou a prezar pelo desejo de lembrar de tudo, com o medo de que eventos traumáticos se repitam. Para Pierre Nora (1984) esse “*boom da memória*” tem relação com uma dada “*aceleração histórica*”, na qual, estamos vivendo “uma oscilação cada vez mais rápida de um passado definitivamente morto, a percepção global de qualquer coisa como desaparecida”¹⁶. Assim, o esquecimento é visto “como uma falha da memória: clinicamente, como disfunção; socialmente, como

¹⁴ HUYSSSEN, Andreas. Resistência à memória: usos e abusos do esquecimento público. **In: Culturas do passado - presente: modernismo, artes visuais, políticas de memória**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2014. p.157

¹⁵ Para entender melhor sobre o assunto ler HUYSSSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos e mídia**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2004.

¹⁶ NORA, Pierre; KHOURY, Yara Aun. Entre memória e História: A problemática dos lugares. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, v. 10, 2012. p.7. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101> . Acesso em: 22 jun. 2023.

distorção; academicamente, como uma forma de pecado original”¹⁷, e não como uma condição da própria memória. Deste modo, no momento em os grupos sociais e comunidades desaparecem, as suas memórias acabam se perdendo no tempo e no espaço, e para impedir que essas lembranças sejam esquecidas no decorrer da história, é preciso construir um suporte exterior no qual possamos fixar e acessar essas memórias. Assim,

os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais¹⁸.

Logo, podemos pensar o documentário como um lugar de memória. O gênero cinematográfico documentário tem como objetivo produzir filmes que narram por meio de ferramentas visuais e audíveis os hábitos de vida, formas de agir e pensar do ser humano, porém, deve-se destacar que o documentário não reproduz fielmente a realidade, mas “representa uma determinada visão do mundo, uma visão com a qual talvez nunca tenhamos deparado antes, mesmo que os aspectos do mundo nela representados nos sejam familiares¹⁹, e muitas vezes tende a utilizar de recursos ficcionais para se desenvolver sua narrativa. Ao utilizar a noção de tríplice *mimesis* de Paul Ricoeur, Cássio dos Santos Tomaim (2013, p.21), em seu artigo *O documentário e sua “intencionalidade histórica”*, evidencia que durante a narrativa histórica

o historiador tem a liberdade de construir parâmetros temporais que sejam favoráveis ao seu objeto e ao seu método, mas, por sua vez, esta construção do tempo histórico deriva das configurações narrativas.²⁰

Ao comparar a narrativa histórica e ficcional, Tomaim (2013, p.23) observa que ambos utilizam da narrativa para determinar “asserções sobre o mundo e que, na ordem do discurso, seleciona e organiza os vestígios e testemunhos do mundo vivido em função de um enunciado comprobatório”²¹. Diante disso, o documentário pode atuar como um lugar de memória, pois ele tem a capacidade de rememorar momento histórico e de ser responsável por arquivar dados de uma determinada temporalidade. Assim, “no documentário o passado também é vivido (ou re-vivido, re-figurado) por uma mediação provocada pelas testemunhas e vestígios”.²²

¹⁷HUYSSSEN, Andreas. *op. cit.* p. 155.

¹⁸NORA, Pierre; KHOURY, Yara Aun. *op. cit.* p.13.

¹⁹NICHOLS, Bill. *Em que os documentários diferem dos outros tipos de filme?* In: NICHOLS, Bill. **Introdução ao Documentário**. Campinas: Ed. Papyrus, 2005. p.47.

²⁰TOMAIM, Cássio dos Santos. *op. cit.* p.21

²¹TOMAIM, Cássio dos Santos. *op. cit.* p.23

²²TOMAIM, Cássio dos Santos. *op. cit.* p.34

Nessa perspectiva, surge o documentário *Solidão, Pandemia, Educação: a experiência educacional na pandemia*. Produzido durante 2021-2022, o documentário que irá ser detalhado a seguir utiliza das memórias dos docentes do ensino básico, essas que foram subalternizadas pela sociedade, e outras fontes, como reportagens de jornais, fotografias e outros para refletir sobre os impactos que a pandemia do Covid-19 e as políticas educacionais implementadas nas escolas do município de Uberlândia causaram no exercício da profissão docente.

Inicialmente, iríamos recolher os depoimentos apenas de docentes da rede pública, no entanto, surgiu a preocupação de recolher relatos dos professores da rede privada, pois, mesmo havendo uma enorme diferença nas relações em que instituições mantiveram a comunidade escolar durante a pandemia, os docentes das escolas privadas também estavam sendo impactados pelo coronavírus e as políticas educacionais que foram implementadas nesse período. Deste modo, na construção do documentário utilizamos relatos de professores que trabalham em diferentes escolas da cidade de Uberlândia, Minas Gerais. Devemos destacar que em respeito às medidas sanitárias recomendadas pela Organização Mundial da Saúde (OMS) e pela Universidade Federal de Uberlândia para prevenir o contágio do coronavírus, todo o processo de construção do documentário foi feito remotamente.

Após decidirmos quais seriam os entrevistados, passamos a pensar de que forma iríamos fazer a coleta dos relatos. O grupo chegou a pensar em dois modelos de coleta: entrevistas com perguntas semiestruturadas e um formulário criado no *Google Forms* com as mesmas perguntas. O primeiro seria feito com professores que sentissem à vontade em conceder uma entrevista, já o segundo modelo seria realizado com professores que não se sentissem à vontade para serem entrevistados pessoalmente. No entanto, por um conjunto de fatores, entre eles a condições sanitárias, decidimos que a melhor opção era compartilhar um formulário com perguntas já prontas aos docentes que tivessem interesse em contribuir com o nosso projeto. Durante o processo de elaboração do questionário, pensamos em questões que pudessem evidenciar as dificuldades que os professores tiveram com a modalidade de ensino imposta pelas políticas educacionais criadas no período e a experiência em voltar ao trabalho presencialmente em um momento crítico na cidade de Uberlândia. Logo foram feitas as seguintes questões aos entrevistados: Você é professor em qual rede de ensino? Você esteve trabalhando durante a pandemia da COVID-19 e a suspensão das atividades presenciais? Você encontrou dificuldades nos formatos remoto e híbrido? Como foi a sua experiência nesses formatos de ensino? Relate as suas dificuldades e como se sentiu em relação ao seu trabalho e

o contato com seus alunos. Você, enquanto educador, se sentiu seguro com o retorno às escolas? Como você se sentiu em relação ao processo de volta às aulas presenciais? A escola em que você trabalha conseguiu obedecer às orientações de distanciamento e uso de EPI's? Comente como foram as medidas de proteção contra a COVID-19 (distanciamento, uso de máscaras e EPI's etc.) na escola em que você trabalha e como você se sentiu em relação ao modo que elas estavam sendo feitas.

No mesmo período que estávamos construindo o questionário, fomos convidados pela professora Mislele para participar de uma reunião híbrida dos docentes com a supervisora da escola. Nessa reunião, assim como a Mislele, nós também fomos impactados com o tom agressivo e mal-educado que a supervisora utilizava para conversar com os professores da escola. Após o fim da reunião, a professora supervisora nos relatou que os docentes sofriam assédio moral constantemente da supervisora, tanto nas reuniões quanto no grupo de *WhatsApp* da escola. Ao presenciarmos esse episódio desagradável achamos necessário protegermos os entrevistados de possíveis ataques e intimidações por parte das coordenações das escolas onde os professores trabalhavam e de políticos da cidade de Uberlândia. Assim, pedimos aos professores que antes de responder o questionário eles se identificassem com o nome real e com um nome fictício que gostaria de ser identificado caso seu relato fosse selecionado para aparecer no filme. Com a finalização da construção do questionário criado no *Google Forms*, partimos para a etapa do recolhimento desses depoimentos. Esse formulário foi enviado para professores já conhecidos pelos integrantes do grupo por causa de outras atividades realizadas nas escolas, como o Projeto Interdisciplinar (Prointer).

Recebemos, ao todo, 24 relatos de professores da rede pública e privada, porém, quando nos organizávamos iniciar a análise das respostas, aconteceu uma situação delicada no PIBID. Houve o atraso no pagamento das bolsas dos Programas PIBID e da Residência Pedagógica (RP) referentes ao mês de setembro de 2021 e, com isso, tivemos que paralisar algumas de nossas atividades relacionadas ao documentário para nos mobilizar nacionalmente pela defesa do Programa e pelo pagamento das bolsas. Ao questionarmos o motivo dos atrasos, a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) publicou uma nota informando que o pagamento das bolsas estava sendo adiados em razão da necessidade da aprovação do Projeto de Lei 17/2021²³ que estava tramitando na Comissão Mista de Orçamento

²³ Esse projeto de lei promovia uma readequação orçamentária e passava a destinar um valor de R\$ 43 milhões para bolsas de estudos da Educação Básica.

do Congresso Nacional. Durante esse período, a equipe Geografia/História não ficou parada diante a esse descaso com a formação de professores, e fomos à luta participando de assembleias gerais organizadas com todos os bolsistas do Brasil, promovendo intervenções com cartazes na frente do campus Santa Mônica e ajudando em várias mobilizações virtuais reivindicando respostas urgentes da CAPES e dos deputados federais que participavam da comissão. Contudo a vitória dos pibidianos e residentes chegou em janeiro de 2022 com a normalização do pagamento das bolsas pela CAPES.

Figura 1: Print da assembleia nacional do PIBID e da RP que foi realizada durante a greve.



Fonte: Acervo do Núcleo Geografia/História – Santa Mônica

Figura 2: Print do perfil do PIBID História UFU mostrando os posts feitos para ajudar na mobilização convocada pela assembleia nacional do PIBID E RP.



Fonte: Acervo do Núcleo Geografia/História – Santa Mônica

Com a retomada no pagamento das bolsas e a retomada de todas as atividades do PIBID demos continuidade a produção do documentário e iniciamos com o processo de análise e seleção dos depoimentos que iriam aparecer no desenvolvimento do documentário. Durante esse processo, buscamos selecionar relatos que pudessem oferecer algumas experiências sensíveis dos professores, que remetessem ao processo vivenciado com a pandemia e que, de alguma forma, nos impactava e sensibilizava e, poderia se constituir em registros de memórias para o espectador com o tema proposto pelo documentário. Entre os muitos relatos, destacamos os seguintes:

“(...) no início me senti caindo em um precipício, me agarrando nos gravetos, sozinha, tateando alguma segurança. Fui me adaptando, mas o cansaço era sempre um cansaço extremo ao final do dia.” (Maria, 2021)

“Durante o ensino remoto tivemos diversos problemas, entre eles posso citar: material didático mal elaborado, falta de capacitação dos profissionais da educação para atender a demanda em ambientes virtuais de aprendizagem. As inúmeras cobranças por resultados positivos que atendessem aos interesses políticos. A carga horária de trabalho que ultrapassava os limites estabelecidos para o trabalho presencial. Houve o sistema de busca ativa onde todos os profissionais da educação deveriam ir atrás dos alunos, entrando em contato através de ligações e conversas via WhatsApp. E em momento algum o governo estadual forneceu quaisquer tipos de apoio ou auxílio para os profissionais da educação, tivemos que arcar com despesas de energia, Internet e troca de aparelhos digitais.” (Elvira, 2021)

“Primeiramente, a dificuldade foi adaptar rapidamente - no caso do Ensino Privado - a uma nova modalidade de ensino, para a qual eu não estava preparado, seja metodologicamente, seja em termos de recursos tecnológicos. Outro desafio foi

ensinar à distância a estudantes do Ensino Fundamental da rede pública, turmas muito heterogêneas e com famílias com recursos limitados, e do Ensino Médio na rede privada, neste caso destacando-se o desinteresse de muitos estudantes. A carga horária de trabalho também foi exaustiva, além do estresse em transformar o espaço doméstico em espaço de trabalho. A pandemia evidenciou a necessidade do presencial, da interação humana no processo de ensino-aprendizagem.” (Professor 03, 2021)

“Toda a novidade/obrigatoriedade do ensino remoto causou uma empolgação inicial pela novidade que logo foi substituída pela solidão e frieza de uma tela. Os alunos que interagem são sempre os mesmos, isso causa uma sensação de impotência para o engajamento dos outros. As dificuldades em acompanhar, verificar e avaliar os estudantes são outra angústia causada pela distância, ficamos na dependência total de ele se manifestar em relação às suas necessidades.” (Ricardo, 2021)

Os relatos apontam para os principais desafios e dificuldades encontradas pelos professores em seu cotidiano de trabalho em escolas públicas ou privadas e, questões como sobrecarga de trabalho, cobrança por resultados, inadequação de materiais didáticos, falta de recursos e tecnologia para professores e estudantes e, ainda, as angústias do não contato com presencial com os estudantes.

Sobre o ensino remoto, os relatos de Maria, Elvira e do Professor 03 nos levam a refletir que durante a pandemia, ao serem inseridos na educação remota, os professores tiveram que aprender sozinhos a lidar um novo material didático e com o espaço digital que antes era desconhecido a eles, pois, em momento algum o governo de Minas ou a prefeitura de Uberlândia, por exemplo, se importaram em capacitar os profissionais da educação para usarem essas novas ferramentas de trabalho. Essa falta de apoio interligada a falta de interação dos alunos dentro das salas virtuais, como relatam o Professor 03 e Ricardo, levam a sensação de solidão, “angústia (...) pois limita as possibilidades coletivas de reflexão e atuação, intensificando sofrimentos”²⁴. Além da falta de auxílio e a sensação de solidão, a carga de trabalho também é presente no relato dos profissionais, como já foi comentado no primeiro tópico. Na pandemia os docentes cumpriram uma carga excessiva de trabalho e acabaram exercendo funções que não eram de sua obrigação, como a busca ativa dos alunos. Assim, os depoimentos que mais nos chamaram a atenção no primeiro momento foram os que evidenciaram a solidão que os professores sentiam dentro das salas de aulas virtuais pela falta

²⁴ ALVES, Kauê Tortato; ASSIS, Neiva de; BIANCHETTI, Lucídio; DIOGO, Maria Fernanda; THIAENGO, Lara Carlette. Sentidos produzidos por professoras da educação básica nas atividades remotas. **Revista Psicologia em Pesquisa**, v.18, n.1, 2023. p.15. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/psicologiaempesquisa/article/view/34642>. Acesso em: 16 de jun. 2023.

de interação dos estudantes, o cansaço causado pela carga excessiva de trabalho e a falta de assistência dada aos professores.

“As regras foram todas implementadas. Mas com o passar do tempo, os estudantes e profissionais foram "relaxando" com os cuidados. Os estudantes trocavam objetos como celulares e cadernos, tiravam a máscara o tempo todo em sala de aula, se abraçavam e se aglomeravam. Foi muito tenso e estressante ficar chamando atenção.” (Leticia, 2021)

“Retornar a escola sem que a pandemia tivesse acabado, mesmo que vacinada, foi extremamente desconfortável. A sensação é que não havia nenhuma instância, órgão ou pessoa que se responsabilizaria caso adoecêssemos ou morrêssemos. Sensação de estarmos a própria sorte.” (Maria, 2021)

“Nas primeiras semanas do retorno ao presencial o fluxo de estudantes foi controlado, seguindo os protocolos sugeridos. Porém, com o aumento do número de estudantes houve uma falta de controle no seguimento dos protocolos. Durante o período de aula, levava mais tempo pedindo aos estudantes que colocassem as máscaras e para manter o distanciamento. Era desgastante. Entendo que muitos estudantes estiveram em situações complicadas em casa, disponibilizei formulários eletrônicos na tentativa de facilitar a entrega do plano de estudos tutorados (PET) e na tentativa de manter uma aproximação com estudantes um segundo formulário eletrônico foi disponibilizado para que os estudantes pudessem utilizar o espaço seguro e de alguma maneira acolher as inseguranças e angústias. Desse modo, tentei encontrar alternativas para acolher os estudantes durante o retorno para além do processo de socialização.” (Elvira, 2021)

Em relação aos depoimentos que compartilham a experiência sobre as voltas às aulas presencialmente, encontramos relatos como de Leticia, que fala sobre o desrespeito às medidas sanitárias pela comunidade escolar em um momento ainda delicado causando grande insegurança aos/as professores/as. Depoimentos como o de Maria, nos relata que mesmo já tendo tomado a primeira dose da vacina se sente insegurança em estar de volta a sala de aula e, um certo descaso pelos agentes públicos e sociedade, caso algo acontecesse aos professores. Porém, ao contrário das colegas de profissão, a preocupação de Elvira é sobre o impacto que a pandemia trouxe para o ensino-aprendizado e na vida pessoal dos alunos, pois, em seu depoimento a professora destaca as estratégias que ela encontrou para a adaptação dos alunos na escola em um cenário “pós-pandemia”. Esses depoimentos nos mostram que os docentes tinham receio em se contaminar com o vírus e a preocupação em como se readaptar novamente seu trabalho e os estudantes ao ambiente escolar após dois anos em isolamento doméstico. Apontam, também, para as diferentes realidades escolares e percepções dos professores/as sobre aquele período e suas experiências. Tal dimensão dos relatos nos apontam, uma vez mais, para as questões relacionadas à memória que “gira em torno da relação passado-presente e, envolve um processo contínuo de reconstrução e transformação das experiências relembradas

em função das mudanças nos relatos públicos sobre o passado”²⁵ e, em função das subjetividades e identidades dos sujeitos.

A partir da seleção dos relatos dos professores, seguimos para a estruturação do roteiro do filme. Nesta etapa, fomos pesquisar notícias e artigos científicos que pudessem nos ajudar a entender sobre o início da pandemia do Covid-19, a chegada do vírus ao Brasil e como o governo de Minas, por exemplo, pensou em um novo modelo de funcionamento escolar durante e pós-pandemia. Ao buscarmos por essas informações, conseguimos organizar os relatos dentro do roteiro, e, além disso, elas nos auxiliaram na hora de escrever uma narração que pudesse situar o espectador sobre o cenário no qual os depoimentos estão inseridos, já que esse material poderá ser visto futuramente por pessoas que tem interesse em entender ou estudar sobre a educação de Minas Gerais e de Uberlândia nesse período pandêmico.

Após organizarmos o roteiro, o grupo que ficou responsável pela edição saiu em busca de imagens e vídeos “que pudessem evocar esses significados pretendidos”²⁶. Nessa procura por imagens que conseguissem captar a essência do documentário, conseguimos fotos de manchetes de jornais e fotografias e vídeos que vieram dos acervos dos sites da Secretaria de Educação de Minas Gerais, da prefeitura de Uberlândia e das professoras que integraram nossa equipe do PIBID. Por meio dessas imagens conseguimos apresentar ao espectador o caos que a pandemia trouxe em nossas vidas e como as escolas, que eram cheias de vida antes do coronavírus, foram impactadas. O documentário contou também com a presença de uma animação que simulasse a plataforma de *Whatsapp Web*. A animação foi utilizada como plano de fundo durante a apresentação dos relatos que falavam sobre o seu trabalho dos professores no ensino remoto, pois nesse período o *Whatsapp Web* foi a rede social mais acessada pelos professores para se comunicarem com alunos, responsáveis e com a coordenação da escola.

²⁵ THOMSON, Alistair. *Recompondo a Memória: questões sobre a relação entre a História Oral e as Memórias. Projeto História*. n. 15, São Paulo, abr. 1997, p. 57.

²⁶ FILIPE, Joana Sofia Teixeira Olhero Gonçalves. **Entre fotografia e cinema: o papel da imagem-arquivo fotográfica no cinema de não-ficção**. 2020. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação, Área de Especialização em Cinema e Televisão) - Universidade Nova Lisboa, Lisboa, 2020. p.12. Disponível em: https://run.unl.pt/bitstream/10362/118072/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o_Joana%20Filipe_Maio%202020.pdf. Acesso em: 16 de jun. 2023.

Um mês após 1º caso de coronavírus, Brasil tem 77 mortes

Todas as cinco regiões do país registraram óbitos de pacientes infectados pelo novo vírus; número de casos confirmados chega a 2.915

CORONAVÍRUS

Brasil registra 114 mortes e 3.904 casos de coronavírus

Número saltou 14,25% na relação com sexta-feira; São Paulo registra mais mortes



Cena do documentário *Solidão, Pandemia, Educação: a experiência educacional na pandemia*, min 1:45.



Cena do documentário *Solidão, Pandemia, Educação: a experiência educacional na pandemia*, min 2:43.



Cena do documentário *Solidão, Pandemia, Educação: a experiência educacional na pandemia*, min 3:26.

Com medo de que ocorressem perseguições aos professores que participaram do projeto, a interpretação dos relatos ficou sob responsabilidade dos integrantes da Geografia/História. No entanto, além da presença da interpretação dos relatos, acrescentamos à edição do filme uma narração. Executada pela nossa colega Kauany Soares Mota, a narração é o fio condutor do documentário, pois através dela somos introduzidos a trajetória que o coronavírus faz até chegar ao Brasil, os impactos que o vírus causou na área da educação e, por fim, somos inspirados a continuar lutando por um trabalho digno aos professores e por uma educação de qualidade no Brasil. O filme conta também com trechos de áudios de telejornais e de falas polêmicas de Jair Bolsonaro reduzindo a pandemia e as centenas de mortes, que foram usadas como plano de fundo enquanto manchetes de sites de jornais passavam na tela avisando o início da pandemia, os fechamentos das escolas e o início da imunização dos brasileiros. Empregamos também efeitos sonoros que lembrassem o ambiente escolar, como vozes de crianças brincando, para serem usados na cena inicial em que nos vídeos mostram as instituições de ensino completamente vazias. Em suma, a presença desses elementos imagéticos e sonoros dentro do filme “contribui para a eficácia crítica do próprio filme e, dessa forma, introduz alguma dimensão autorreflexiva na sua recepção”²⁷.

²⁷ FILIPE, Joana Sofia Teixeira Olhero Gonçalves. *op. cit.*

Após reunir todo esse material visual e sonoro, começamos a edição do documentário. Para nos auxiliar nesse processo, criamos em um arquivo no *Google Docs* em que inserimos as ordens de cada imagem e áudio iriam aparecer na tela. No entanto, foi durante esse processo que sentimos falta de alguma coisa que pudesse fechar o filme com um tom de esperança. Logo, nossa colega Kauany sugeriu que o filme terminasse com a presença de uma frase do educador brasileiro Paulo Freire.

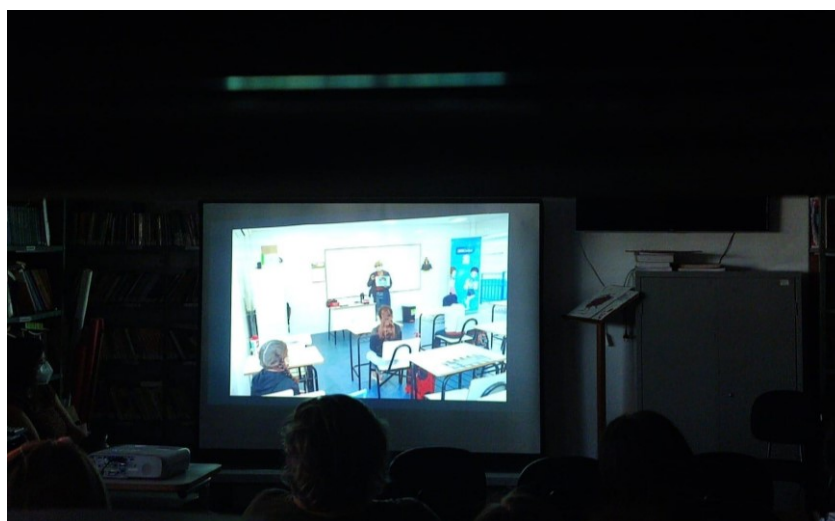
“(…) mas ter esperança do verbo esperançar; porque tem gente que tem esperança do verbo esperar. E esperança do verbo esperar não é esperança, é espera. Esperançar é se levantar, esperançar é ir atrás, esperançar é construir, esperançar é não desistir! Esperançar é levar adiante, esperançar é juntar-se com outros para fazer de outro modo (…)” Paulo Freire (1992)

Por meio desta frase do patrono da educação brasileira, o espectador é inspirado a não desistir de lutar por uma educação de qualidade e por melhores condições de trabalho aos professores brasileiros. Assim, após três meses de muito trabalho, demos a vida ao documentário *Solidão, Pandemia, Educação: a experiência educacional na pandemia*.

Feedback da primeira exibição do documentário.

Finalizado a construção do material, no dia 7 de julho de 2022, fomos convidados pela professora Mislele para fazer a primeira exibição do documentário na presença dos docentes que atuam na Escola Estadual Ângela Teixeira.

Figura 3: Exibição do documentário *Solidão, pandemia e educação: A experiência educacional na pandemia* aos professores da Escola Estadual Ângela Teixeira da Silva.



Fonte: Acervo pessoal do professor Célio da E.E. Angela Teixeira

Após a exibição do documentário foi aberto um espaço para os professores fazerem comentários a respeito do que eles acabaram de assistir. Nas intervenções dos docentes foi bastante destacada a pressão a que os professores foram submetidos para realizarem a busca ativa dos alunos durante a pandemia, e outras cobranças de pais de alunos e de membros da sociedade civil em relação a execução de seu trabalho que acabou tendo continuidade na volta ao presencial. Além disso, eles destacaram que com a reabertura da escola, perceberam que tinham mais apoio do que durante a pandemia. Foi perceptível entre os professores que participaram da sessão a emoção e o quanto se sentiram representados em suas angústias. O documentário foi destacado como necessário e, os professores, se sentiram motivados a falar sobre suas experiências que, até aquele momento, pareciam ser individuais, mas que se aproximava aos relatos de muitos outros professores em suas realidades. Na ocasião, tivemos relatos de professores que tiveram problemas sérios de saúde mental e que, ali, naquele coletivo, sentiram a liberdade de expressar e elaborar, emocionados, as suas vivências após assistirem ao documentário.

Figura 4: Debate promovido com os professores da Escola Estadual Ângela Teixeira da Silva após a apresentação do documentário *Solidão, pandemia e educação: A experiência educacional na pandemia*.



Fonte: Acervo da professora supervisora Mislele Souza da Silva

Através da interação com os professores da Escola Estadual Ângela Teixeira da Silva, foi possível reconhecer outros problemas que impactaram diretamente no desenvolvimento de seu trabalho docente durante o remoto, e que não foram contemplados nos depoimentos dos professores do filme. No entanto, o comentário que nos chamou atenção foi de um professor de artes que destacou em sua fala que a pandemia e a sobrecarga do trabalho trouxeram desânimo

para a realização de trabalho. Assim, podemos constatar que a pandemia ajudou a viabilizar as ações neoliberais implementadas dentro da educação e que causam sérios danos no trabalho do professor, já que o

discurso neoliberal, exige dos sujeitos a capacidade de se adaptar a todas as situações, e em todos os lugares, para assim continuar a produzir (seja lá o que for). Dessa forma, a produtividade é cobrada a todo custo, e a pandemia sequer configura-se como motivo suficiente para parar ou ao menos reduzir a jornada de trabalho dos docentes, pelo contrário, pois como foi observado nas nossas ações de extensão, há uma sobrecarga ainda maior nos professores e gestores nesse período pandêmico²⁸.

Assim, o debate realizado com os professores do Ângela Teixeira nos ajudou a pensar a figura do professor pós pandemia, já que dentro e fora do ambiente escolar muito se fala sobre as sequelas que quarentena trouxe para o ensino-aprendizados dos alunos e de que forma devemos resolver esses problemas, deixando de lado o fato que os professores sofreu um sério desgaste emocional e psicológico causados pela pandemia, e que irá permanecer por causa das presenças de políticas neoliberais na educação que desvaloriza e precariza o exercício da profissão.

Considerações finais

Mediante o exposto, o intuito deste trabalho foi compartilhar a experiência em produzir um documentário do zero durante a pandemia do Covid-19, e que surgiu por meio das inquietações e debates fomentados em reuniões do PIBID. Esperamos que o material produzido, o documentário, não evidencie apenas o aumento da precarização do trabalho docente que durante a quarentena, mas possibilite e fomente inúmeros debates acerca das várias dimensões que cercam as condições de trabalho do professor mas, também, às condições em relação a saúde mental dos professores que foi prejudicada em razão das “demandas emocionais vivenciadas por todos durante o isolamento social e a pandemia, os grandes desafios das mudanças de seu estilo de trabalho”²⁹.

²⁸ ALBUQUERQUE, Luiz Victor Coelho; DAMASCENO, Roniel Sousa; MARTINS, Ana Carolina Borges Leão; MELO, Maria Alayny Cavalcante; RIPARDO, Maria Vitória Silva; SOUZA, Marília Albuquerque de. A experiência de professores no ensino remoto: dilemas, saúde mental e contextos de trabalho na pandemia. **Expressa Extensão**, v.26, n. 2, mai-ago, 2021. p.266-267. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/expressaextensao/article/view/20468> . Acesso em: 17 de jun. de 2023.

²⁹ NOVAES, Nathaly Maria Ferreira; SOUZA, Maria Eduarda Inglésias Berardo de; ZIRPOLI, Bianca Berardo Pessoa. **O Impacto da pandemia por Covid-19 na saúde mental dos professores: revisão sistemática da literatura**. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Psicologia) - Faculdade Pernambucana de Saúde, Recife, 2021. p. 6. Disponível em: <https://tcc.fps.edu.br/jspui/handle/fpsrepo/1158> . Acesso em: 16 de jun. 2023.

Além de impulsionar reflexões sobre o tema principal, o documentário pode ser usado como material didático com o intuito de sensibilizar o olhar dos estudantes das licenciaturas para o trabalho dos docentes e promover reflexão sobre as dificuldades institucionais da prática docente. Essa sensibilidade indica que os professores não são robôs de filmes do gênero *sci-fi*, ou seja, não são programados para múltiplas tarefas, mas sim seres humanos que precisam de apoio e valorização de seu trabalho de forma proporcional à demanda e responsabilidade que assumem em sua práxis. Logo, utilizar material audiovisual em sala de aula possibilita “tornar comum aquilo que é alheio ou estranho”³⁰ para os alunos.

Fontes digitais

BOLSONARO: “Se tomar vacina e virar jacaré não tenho nada a ver com isso”. [S. l. : s. n.], 2020. 1 vídeo (2 min). Publicado pelo canal Uol. Disponível em: <https://youtu.be/IBCXkVOEH-8>. Acesso em: 26 mai. 2023.

GOMES, Pedro Henrique. **Brasil tem de deixar de ser “país de maricas” e enfrentar pandemia “de peito aberto”, diz Bolsonaro**. [S.I.], 2020. Portal: G1. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/11/10/bolsonaro-diz-que-brasil-tem-de-deixar-de-ser-pais-de-maricas-e-enfrentar-pandemia-de-peito-aberto.ghtml>. Acesso em: 26 mai. 2023.

MOTA, Ana Carolini. **Professora ensina matemática nos azulejos da cozinha e mostra que a Educação é sempre possível**. [S.I.], 2020. Portal: G1. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/norte-fluminense/noticia/2020/09/14/professora-do-rj-inova-ao-usar-azulejos-da-cozinha-como-quadro-para-ensinar-matematica.ghtml>. Acesso em: 26 mai. 2023.

PRIMEIRO caso confirmado de Covid-19 no Brasil ocorreu em SP e completa seis meses nesta quarta. [S.I.], 2020. Portal: G1. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/08/26/primeiro-caso-confirmado-de-covid-19-no-brasil-ocorreu-em-sp-e-completa-seis-meses-nesta-quarta.ghtml>. Acesso em: 26 mai. 2023.

Referências Bibliográficas

ALVES, Kauê Tortato; ASSIS, Neiva de; BIANCHETTI, Lucídio; DIOGO, Maria Fernanda; THIAENGO, Lara Carlette. Sentidos produzidos por professoras da educação básica nas atividades remotas. **Revista Psicologia em Pesquisa**, [s.l.], v.18, n.1, p.2-30, 2023. Disponível

³⁰ PENA, Saulo de Oliveira. **Filmes e educação: o caminho do sensível na construção de conhecimento**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, São Paulo, 2020. Universidade Nove de Julho. p. 53. Disponível em: <https://bibliotecatede.uninove.br/bitstream/tede/2424/2/Saulo%20de%20Oliveira%20Pena.pdf>. Acesso em: 16 de jun. 2023.

em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/psicologiaempesquisa/article/view/34642>. Acesso em: 16 de jun. 2023.

ALBUQUERQUE, Luiz Victor Coelho; DAMASCENO, Roniel Sousa; MARTINS, Ana Carolina Borges Leão; MELO, Maria Alayny Cavalcante; RIPARDO, Maria Vitória Silva; SOUZA, Marília Albuquerque de. A experiência de professores no ensino remoto: dilemas, saúde mental e contextos de trabalho na pandemia. **Expressa Extensão**, [s.l.], v.26, n. 2, maio, 2021. p.266-267. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/expressaextensao/article/view/20468> . Acesso em: 17 de jun. de 2023.

BEZERRA, Cicero Anderson de Almeida. Memória, História e Manipulação midiática. **Entropia**, [s.l.], v.4, n.8, p.182-196, 2022. Disponível em: <https://entropia.slg.br/index.php/entropia/article/view/276> . Acesso em: 11 jun. 2023

BUENO, Flávia Thedim Costa; MATTA, Gustavo Corrêa; SOUTO, Ester Paiva. Notas sobre a Trajetória da Covid-19 no Brasil. In: MATTA, Gustavo Corrêa (org.). **Os impactos sociais da Covid-19 no Brasil: populações vulnerabilizadas e respostas à pandemia**. Rio de Janeiro: editora Fiocruz. 2021. p.27-39. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/r3hc2/pdf/matta-9786557080320-03.pdf>. Acesso em: 26 mai. 2023.

COELHO, Jianne Ines Fialho; OLIVEIRA, Ana Cristina Prado de; OLIVEIRA, Breyner Ricardo de. Avaliação da Implementação do Programa de Educação Remota em Minas Gerais em tempos de Pandemia: O que dizem os Usuários?. **Arquivos Analíticos de Políticas Educativas**, [s.l.], v.30, n.86, p.1-25, 2022. Disponível em: <https://epaa.asu.edu/index.php/epaa/article/view/7112>. Acesso em: 11 jun. 2023.

COELHO, Jianne Ines Fialho; JORGE, Gláucia Maria dos Santos; OLIVEIRA, Ana Cristina Prado de; OLIVEIRA, Breyner Ricardo de. Implementação da educação remota em tempos de pandemia: análise da experiência do estado de Minas Gerais. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, [s.l.], Araraquara, v. 16, n. 1, 2021, p.94. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/13928>. Acesso em: 11 jun. 2023.

FRÊDO, Arthur Camargo. “Nós professores também temos muitas dificuldades no ensino remoto” – relatos de experiências de professores da cidade de Uberlândia (MG) com o ensino remoto. In: **XII ENCONTRO MINEIRO SOBRE INVESTIGAÇÃO NA ESCOLA**, [s.l.], Uberlândia: Anais do XII Encontro Mineiro Sobre Investigação na Escola, 2021, v. III, p.153-164. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/32917/3/AnaisXIEMIEVol3.pdf> . Acesso em: 11 jun. 2023.

FILIFE, Joana Sofia Teixeira Olhero Gonçalves. **Entre fotografia e cinema: o papel da imagem-arquivo fotográfica no cinema de não-ficção**. 2020. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação, Área de Especialização em Cinema e Televisão) - Universidade Nova Lisboa, Lisboa, 2020. Disponível em: https://run.unl.pt/bitstream/10362/118072/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o_Joana%20Filife_Maio%202020.pdf . Acesso em: 16 de jun. 2023.

HUYSSSEN, Andreas. Resistência à memória: usos e abusos do esquecimento público. *In Culturas do passado - presente: modernismo, artes visuais, políticas de memória*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2014. p.155-176.

NICHOLS, Bill. Em que os documentários diferem dos outros tipos de filme?. *In: NICHOLS, Bill. Introdução ao Documentário*. Campinas: Ed. Papirus, 2005.

NORA, Pierre; KHOURY, Yara Aun. Entre memória e História: a problemática dos lugares. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, v. 10, p.7-28, 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101> . Acesso em: 22 jun. 2023.

NOVAES, Nathaly Maria Ferreira; SOUZA, Maria Eduarda Inglésias Berardo de; ZIRPOLI, Bianca Berardo Pessoa. **O Impacto da pandemia por Covid-19 na saúde mental dos professores: revisão sistemática da literatura**. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Psicologia) - Faculdade Pernambucana de Saúde, Recife, 2021. Disponível em: <https://tcc.fps.edu.br/jspui/handle/fpsrepo/1158> . Acesso em: 16 de jun. 2023.

PENA, Saulo de Oliveira. **Filmes e educação: o caminho do sensível na construção de conhecimento**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, São Paulo, 2020. Universidade Nove de Julho. Disponível em: <https://bibliotecatede.uninove.br/bitstream/tede/2424/2/Saulo%20de%20Oliveira%20Pena.pdf> . Acesso em: 16 de jun. 2023.

TOMAIM, Cássio dos Santos. O Documentário e sua “intencionalidade histórica”. **Doc Online**, n.15, p.11-31, dez. 2013. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5366128>. Acesso em: 19 jun. 2023

TEIXEIRA, Antonio Edicarlos Mota. **Políticas da morte. O governo federal e o poder municipal de Uberlândia-MG diante da Covid-19 (2020-2021)**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/35692/1/Pol%c3%adticasMorteGoverno.pdf>. Acesso em: 26 mai. 2023.

THOMSON, Alistair. Reconstituo a Memória: questões sobre a relação entre a História Oral e as Memórias. *In: Projeto História*. n. 15, São Paulo, abr. 1997.